

O
LIVRO
DO
DESLUMBRA
MENTO

ORGANIZAÇÃO E PREFÁCIO DO

PROFESSOR JOSÉ MANUEL LOPES



LORD DUNSANY



ÍNDICE

<i>Prefácio do Prof. José Manuel Lopes</i>	9
<i>O Livro do Deslumbramento</i>	
NOIVA DO HOMEM-CAVALO	11
A ANGUSTIANTE HISTÓRIA DE THANGOBRIND, O JOALHEIRO	16
A CASA DA ESFINGE	20
PROVÁVEL AVENTURA DE TRÊS HOMENS DE LETRAS	23
AS PRECES IMPRUDENTES DE POMBO, O IDÓLATRA	27
A PILHAGEM DE BOMBASHARNA	31
A MENINA CUBBIDGE E O DRAGÃO DAS HISTÓRIAS ROMÂNTICAS	35
A DEMANDA PELAS LÁGRIMAS DA RAINHA	38
O TESOURO DOS GIBBELINS	43
COMO NUTH TERIA ROUBADO OS GNOLES	48
COMO ALGUÉM CHEGOU, TAL COMO HAVIA SIDO PROFETIZADO, À CIDADE DO NUNCA	53
A COROAÇÃO DO SR. THOMAS SHAP	58
CHU-BU E SHEEMISH	63
A JANELA MARAVILHOSA	68
EPÍLOGO	73

O Novo Livro do Deslumbramento

UM CONTO DE LONDRES	77
TREZE À MESA	80
A CIDADE NA CHARNECA DE MALLINGTON	89
PORQUE É QUE O LEITEIRO ESTREMECE QUANDO SE APERCEBE DE QUE ESTÁ A AMANHECER	97
A NEFASTA VELHA VESTIDA DE PRETO	100
O PÁSSARO COM UM OLHO VESGO	103
O CONTO DO GRANDE GUARDIÃO	107
O SAQUE À CIDADE DE LOMA	113
O SEGREDO DO MAR	117
COMO É QUE O ALI VEIO PARA O PAÍS NEGRO	121
O GABINETE DE TROCA DE MALES	125
UMA HISTÓRIA DE TERRA E MAR	130
UM CONTO DO EQUADOR	131
UMA FUGA À TANGENTE	154
A TORRE DE VIGIA	157
COMO PLASH-GOO CHEGOU À TERRA INDESEJADA	160
O GAMBITO DOS TRÊS MARINHEIROS	162
O CLUBE DOS EXILADOS	170
AS TRÊS PIADAS INFERNAS	175

PREFÁCIO

«I was guided, as ever since, by two lights that do not seem very often to shine together, poetry and humour.»

[Fui guiado, desde que me lembro, por duas luzes que nem sempre brilham juntas, a da poesia e a do humor.]

Lord Dunsany, em *Patches of Sunlight*, pp. 111

De nome John Moreton Drax Plunkett (1878-1957), Lord Dunsany (assim chamado por ser o décimo oitavo lorde do Castelo de Dunsany, na Irlanda) nasceu em Londres no seio de uma família abastada.

Apesar de ter conhecido uma certa popularidade no seu tempo, sobretudo como dramaturgo (mas também como contista, romancista, poeta e ensaísta), o facto de se tratar de um aristocrata inglês com raízes irlandesas, numa época em que a Irlanda começara a lutar pela sua independência, não teria contribuído muito para a sua popularidade; quer no país em que possuía o seu castelo, mas onde era visto como um confessado Unionista, quer nos meios ingleses em que se movia. De facto, o seu nome é hoje em dia desconhecido de um vasto público, e geralmente associado à produção de outros autores que ele teria influenciado, tal como H. P. Lovecraft, cujos primeiros textos ficcionais, reveladores de um certo simbolismo tardio, espelham muitas das suas características estilísticas, especialmente em obras como *A Demanda Onírica da Kadath Desconhecida*. Contudo, como precursor de géneros ficcionais, marginalizados até há bem pouco tempo — sobretudo por certos empedernidos meios académicos — tais como a Fantasia ou Ficção Científica, também é visto como tendo influenciado escritores que se tornaram bem mais populares do que ele, tais como J. R. R. Tolkien e Ursula K. Le Guin.

Com efeito, Lord Dunsany foi uma das primeiras vozes narrativas a substituir o chamado «mundo real», quase obrigatório em grande parte da Literatura canonizada (desde a segunda metade do século XIX e através do século XX), por um mundo alternativo inventado pelo autor, mas sem inevitáveis preocupações

de teor alegórico. Neste aspecto, também poderíamos dizer que a obra de Jorge Luis Borges também lhe dá eco, tal como o Italo Calvino de *As Cidades Invisíveis*. Porém, nenhuma escrita se cria a partir do nada, e os mundos ficcionais de Lord Dunsany devem muito ao gosto do seu tempo pelo chamado Orientalismo, tal como a certos ambientes não muito distantes dos que poderemos encontrar em muitos dos textos *fin-de-siècle* do simbolismo francês. E ainda, se Dunsany nos recorda certos autores que o procederam, também nos evoca outros seus contemporâneos, como o rebelde francês Alfred Jarry, já para não mencionarmos toda uma série de autores surrealistas, que escreviam numa época em que ele já abandonara os seus mais ousados voos de sonho e fantasia, em particular ao dar-se conta, já tarde na sua longa vida, dos horrores da Segunda Guerra Mundial.

Tal como em grande parte das produções literárias previamente referidas, o que preocupava Dunsany, sobretudo nos breves contos que aqui vos apresentamos, não era tanto a *representação* de um mundo verídico, mas antes a de um mundo alternativo em que imaginação e estética literária andassem quase sempre de mãos dadas. Assim, quer em *The Book of Wonder* (*O Livro do Deslumbramento*), 1912, quer em *The Last Book of Wonder* (*O Novo Livro do Deslumbramento*), 1916, poderemos ler pequenas histórias logicamente desconcertantes; reler uma ou outra frase, duvidando da tradução da mesma, dado o seu pendor para o absurdo; penetrar em paisagens oníricas, como se estas se encontrassem mesmo à beira dos lugares mais banais do nosso dia-a-dia; ouvir premonições contra a poluição, numa Inglaterra já então dominada pela indústria e pelo comércio; tal como desfrutar de uma ironia e de um humor bem inglês, capazes de nos invocarem ainda, entre muitos outros, autores como Ambrose Bierce.

O que te colocamos nas mãos, caro leitor, é mais um livro traduzido (com todo o tempo necessário e a empenhada dedicação), pelo Clube de Tradução Literária (agora renovado) da Universidade Lusófona de Humidades e Tecnologias. De facto, todos nós nos sentimos orgulhosos em apresentar, pela primeira vez no nosso país, um autor nunca traduzido em português, pelo menos se acreditarmos nos dados que consultámos na Biblioteca Nacional. Outros trabalhos se seguirão, de obras importantes de autores menos divulgados, a que o nosso editor Luís Corte Real teima em dar «a nossa voz», sem se importar com imediatos êxitos de vendas.

JOSÉ MANUEL LOPES

A NOIVA DO HOMEM-CAVALO

(Tradução de Marta Oliveira)

Na manhã em que completava duzentos e cinquenta anos, Shepperalk, o centauro, dirigiu-se ao cofre de ouro, no qual estava guardado o tesouro dos centauros, e apoderou-se do estimado amuleto que o seu pai, Jyshak, extraíra nos seus anos de primazia da montanha dourada, e embutindo-lhe opalas que obtivera de trocas com os gnomos, colocou-o à volta do pulso, e sem dizer nada, foi até à caverna de sua mãe. E levou também com ele aquela trombeta dos centauros, o famoso corno de prata, que outrora havia exortado a renderem-se dezassete cidades de Humanos, e que durante vinte anos tinha soado em frente às muralhas rodeadas de estrelas no Cerco de Tholdenblarna, a cidadela dos deuses, onde em tempos os centauros tinham realizado a sua fabulosa guerra sem serem vencidos pelas armas. Em vez disso, retiraram-se lentamente, envoltos numa nuvem de poeira, antes de acontecer o decisivo milagre dos deuses que Eles trouxeram perante a Sua desesperante carência de arsenal próprio. Pegou no seu corno de prata e cavalgou para longe, e a sua mãe apenas suspirou e deixou-o ir.

Ela sabia bem que, nesse dia, não iria beber a água que caía dos terraços de Varpa Níger, o vale entre as montanhas; que não iria admirar por momentos o pôr-do-sol, para em seguida voltar outra vez para a caverna a trote, para dormir sobre os juncos, arrastados por rios que não conhecem o Homem. Ela sabia que então o corno de prata estava ao cuidado dele, como em tempos estivera ao cuidado de seu pai, e ao cuidado de Goom, o pai de Jyshak, e muito antes, com os deuses. Por isso, ela apenas suspirou e deixou-o ir.

Mas ele, saindo da caverna que era a sua casa, cruzou pela primeira vez a escassa corrente e, ao passar pelos penhascos, viu por baixo dele a reluzente planície terrestre. E o vento outonal que dava brilho ao mundo, subindo as encostas da montanha, batia frio nos seus costados nus. Ergueu a cabeça e soprou.

— Agora sou um homem-cavalo! — gritou em voz alta. E saltando de penedo em penedo, galopou por vales e abismos, por leitos de torrentes e formações rochosas escarpadas, até chegar às sinuosas léguas da planície, deixando atrás dele para sempre as Montanhas de Athraminaurian.

O seu objectivo era chegar a Zretazoola, a cidade de Sombelenë. Que lenda sobre a beleza inumana de Sombelenë, ou sobre o seu admirável mistério, sempre pairou desde a terrestre planície até ao fabuloso berço da raça dos centauros, as montanhas de Athraminaurian, é algo que desconheço. Contudo, no sangue dos homens existe uma maré, ou antes, uma corrente marítima, que é de alguma maneira semelhante ao crepúsculo, que lhes trás rumores de beleza ainda que longínquos, tal como a madeira proveniente de ilhas ainda não descobertas flutua à deriva no mar. E esta corrente primaveril, que visita o sangue humano, provém do fabuloso quartel da sua linhagem, do legendário, do antigo. Leva-o para o bosque, para as colinas; escuta a antiga canção. De modo que talvez o lendário sangue de Shepperalk se agitasse naquelas isoladas montanhas longínquas, no pico do mundo, perante rumores que apenas o airoso crepúsculo conhecia e apenas em segredo confienciava ao morcego, pois Shepperalk era ainda mais lendário do que o homem. Era certo que desde o início se dirigia para a cidade de Zretazoola, onde Sombelenë permanecia no seu templo; embora toda a planície terrestre, seus rios e montanhas, separassem a casa de Shepperalk da cidade que ele procurava.

Quando os pés do centauro tocaram pela primeira vez a relva daquela macia terra aluvial, este soprou de alegria o seu corno de prata, empinou-se e deu meia volta e brincou durante léguas. Por uma nova e formosa maravilha, o seu passo parecia o de um cavalo que nunca tinha ganho uma corrida, e o vento ria ao cruzar-se com ele. Baixava a cabeça para sentir o perfume das flores, levantava-a para estar mais perto das invisíveis estrelas, divertia-se por esses mundos, conquistava rios cavalgando. Como é que vos hei-de explicar, a vocês que vivem nas cidades, o que ele sentia enquanto galopava? Sentia-se forte como as torres de Bel-Narana; leve como aqueles palácios de fios delgadíssimos, que as fadas-aranhas constroem entre o céu e o mar ao longo das costas de Zith; veloz como um pássaro, correndo pela manhã para cantar em alguns pináculos das cidades antes de o dia raiar. Era o companheiro declarado do vento. Parecia alegre como uma canção. Os raios dos seus legendários pais, os deuses primitivos, começavam a mistu-

rar-se-lhe no sangue; os seus cascos retumbavam. Chegava às cidades dos homens, e todos tremiam ao recordar as místicas guerras da antiguidade, temendo novas batalhas que pusessem em perigo a raça humana. Nem por Clio aquelas guerras eram recordadas; a história não as conhecia, mas que importância poderia isso ter? Nem todos nos pudemos sentar aos pés de historiadores, mas todos aprendemos fábulas e mitos nos joelhos de nossas mães. E não havia ninguém que não temesse inesperadas guerras ao ver Shepperalk a desviar-se e a saltar pelas vias públicas. E assim foi andando de cidade em cidade.

De noite, deitava-se ofegante sobre os juncos de algum pântano ou floresta; antes de o dia amanhecer, levantava-se triunfante, e bebia água desmesuradamente de algum rio no escuro e, chapinhando nele, ia a trote até algum lugar elevado para contemplar o nascer do Sol e saudar o astro com os alegres ecos da sua fabulosa trombeta. E contemplava o Sol surgindo dos ecos, e as planícies novamente iluminadas pela luz do dia, e as léguas que se prolongavam como uma cascata de água, e esse alegre companheiro, o vento que ri estrondosamente, e os homens e os seus medos e as suas pequenas cidades. E, depois disso, grandes rios e ermas e enormes colinas, e atrás delas novas terras e mais cidades, sempre na presença desse velho companheiro, o glorioso vento. Mesmo apesar de ter atravessado tantas regiões, a sua respiração continuava regular. — É maravilhoso galopar sobre um bom relvado quando se é jovem — disse o jovem homem-cavalo, o centauro. — Ah, ah! — disse o vento que vinha das colinas, e os ventos da planície responderam.

Os sinos tocaram frenéticos nos campanários, os sábios consultaram os seus pergaminhos, astrólogos procuravam presságios nas estrelas, os anciãos faziam subtis profecias. — É verdade que é veloz? — perguntaram os jovens. — Está tão contente... — disseram as crianças.

Noite após noite, entregou-se ao sono, e dia após dia, galopou até chegar às terras dos homens de Athalonia, que viviam nos confins da planície terrestre. Dali veio de novo para terras lendárias como aquelas em que fora criado, no outro lado do mundo, e que contornavam o mundo misturando-se com o crepúsculo. E então um forte pensamento apoderou-se do seu infatigável coração, porque sabia que se aproximava de Zretazoola, a cidade de Sombelenë.

Já era tarde quando chegou, e as nuvens obscurecidas pela noite cobriam a planície que se estendia à sua frente. Galopou em direcção àquela bruma dourada, e quando esta lhe ocultou a visão, os sonhos do seu coração despertaram e romanticamente ponderou sobre todos aqueles rumores que lhe chegavam sobre Sombelenë, devido à associação de coisas fabulosas. Ela habitava (dizia a noite secretamente ao morcego) num pequeno templo

junto à margem de um lago isolado. Uma pequena mata de ciprestes protegia-a da cidade, de Zretazoola, a dos caminhos ascendentes. E em frente ao seu templo encontrava-se o seu túmulo, o seu triste sepulcro lacustre aberto ao público, por receio que a sua espantosa beleza e eterna juventude alguma vez originassem entre os homens a heresia de que a encantadora Sombelenë era imortal: pois apenas a sua beleza e linhagem eram divinas.

O seu pai fora meio centauro e um semideus. A sua mãe era filha de um leão do deserto e daquela esfinge que vigia as pirâmides — era mais mística que Mulher.

A sua beleza era como um sonho, como uma canção; o sonho de uma vida sonhada sobre orvalhos encantados, a canção cantada a alguma cidade por um pássaro imortal, levado para longe da sua costa nativa por uma tempestade do Paraíso. Aurora após aurora, sobre montanhas de romance, ou crepúsculo após crepúsculo, jamais puderam igualar a sua beleza. Não havia um único pirilampo no mundo ou estrela que conhecesse o seu segredo; os poetas nunca a tinham cantado nem a noite adivinhado o seu significado; a madrugada invejava-a, escondiam-na dos amantes.

Ela não era casada, nem nunca a tinham cortejado.

Os leões não a vinham cortejar porque temiam a sua força, e os deuses não se atreviam a amá-la porque sabiam que ela devia morrer.

Isto era o que a noite confidenciara ao morcego, era esta a esperança que habitava no coração de Shepperalk enquanto galopava às cegas pela bruma. E de repente, no meio da escuridão da planície, apareceu a seus pés a fenda nas legendárias terras, e Zretazoola resguardada nela, banhada pelo sol da tardinha.

Astuta e velozmente desceu ele, dando saltos pelo extremo mais elevado da fenda, e entrando em Zretazoola pelo portão exterior, que ficava situado numa ladeira acentuada, começou de súbito a galopar pelas suas estreitas ruas. Menciona-se, numa canção antiga, as pessoas que vieram às varandas quando ele passou retumbante, e os que debruçaram as suas cabeças por reluzentes janelas. Shepperalk não se importou a dar saudações ou a responder a pedidos de identificação vindos de torres militares; desceu até ao portão interior da terra, como o tempestuoso raio de seus pais, e, como Leviatão que tivesse saltado sobre uma águia, penetrou nas águas que existiam entre o templo e o túmulo.

Subiu os degraus do templo a galope com os olhos semicerrados, e, vendo vagamente através das pestanas, agarrou Sombelenë pelo cabelo, ainda fascinado pela sua beleza, e por isso levou-a à força. E, saltando com ela por cima de abismos onde as águas do lago caíam esquecidas para uma brecha no mundo, levou-a não se sabe bem para onde, para ser sua escrava por todos esses séculos que são concedidos à sua raça.

Soprou três vezes naquela trombeta de prata enquanto seguia, que é o tesouro mais antigo dos centauros. Era o som dos sinos do seu casamento.

A ANGUSTIANTE HISTÓRIA DE THANGOBRIND, O JOALHEIRO

(Tradução de Marta Oliveira)

Quando Thangobrind, o joalheiro, ouviu a tosse agourenta, tomou instintivamente a direcção daquele estreito caminho. Ele era um ladrão de grande reputação, protegido dos nobres e eleitos, porque o objecto mais pequeno que alguma vez tinha pilhado era um ovo de Moomoo, e em toda a sua vida só tinha roubado quatro tipos de pedras preciosas: rubis, diamantes, esmeraldas e safiras; e como joalheiro, era de uma grande honestidade. Ora, havia um Grande Mercador que tinha procurado Thangobrind e lhe oferecera a alma da filha em troca de um diamante que era maior do que a cabeça de um homem, e que se encontrava no colo do deus arcnídeo Hlo-hlo, no seu templo de Moun-ga-ling, pois ouvira já dizer que Thangobrind era um ladrão de confiança.

Thangobrind oleou o corpo, esgueirou-se da sua loja, e seguiu secretamente por uns atalhos, chegando a Snarp, antes que alguém descobrisse que ele se tinha ausentado em negócios, ou desse pela falta da sua espada debaixo do balcão. Por isso, apenas prosseguia viagem durante a noite, escondendo-se de dia e entretendo-se a polir a sua espada, que ele chamava de Rato porque era rápida e ágil. O joalheiro utilizava métodos subtis para viajar; nunca ninguém o viu atravessar as planícies de Zid nem chegar a Mursk ou Tlun. Como adorava as sombras!... Uma vez, a Lua, surgindo repentinamente depois de uma tempestade, tinha atraído um joalheiro vulgar; mas isso não aconteceu a Thangobrind: os vigilantes apenas viram uma figura agachada que grunhia e ria: — É apenas uma hiena — disseram eles. Uma vez, na cidade de Ag, um dos guardas agarrou-o,

mas Thangobrind estava bem oleado e escapou-se-lhe das mãos; mal se ouviram os passos dos seus pés descalços a afastarem-se. Ele sabia que o Grande Mercador aguardava o seu regresso, sem pregar olho toda a noite e cintilando de ganância; sabia que a sua filha permanecia acorrentada gritando noite e dia. Ah! Thangobrind sabia... E se não tivesse saído em negócios, quase que se teria permitido dar uma ou duas pequenas gargalhadas. Mas negócios eram negócios, e o diamante que procurava permanecia ainda no colo de Hlo-hlo, onde tinha estado durante os últimos dois milhões de anos, desde que este criara o mundo, dando-lhe tudo excepto aquela pedra preciosa chamada Diamante do Morto. A jóia era roubada com frequência, mas tinha o dom de regressar outra vez para o colo de Hlo-hlo. Thangobrind sabia disso, mas ele não era um joalheiro qualquer e esperava ludibriar Hlo-hlo, sem se aperceber que a sua ambição e a sua impetuosidade eram apenas vaidade.

Com que agilidade deslizou pelos poços de Snood! Ora como um botânico esquadrinhando o terreno, ora como um bailarino saltava por cima das desmoronadas margens. Estava bastante escuro quando passou pelas torres de Tor, onde os arqueiros disparavam flechas de marfim contra os estranhos, para que nenhum forasteiro mudasse as suas leis, as quais eram más, mas não tanto para permitir que fossem alteradas por simples estrangeiros. De noite disparavam, guiando-se pelo som dos passos dos estranhos. Oh, Thangobrind, Thangobrind! Houve alguma vez um joalheiro como tu!... Com longas cordas arrastava atrás dele duas pedras e foi contra estas que os arqueiros dispararam. Tentadora na realidade era a armadilha que tinham montado em Woth: tinham colocado um conjunto de esmeraldas soltas à porta da cidade. Mas Thangobrind viu as cordas douradas, que ascendiam pela parede, atadas a cada uma delas, e os pesos que caíam em cima dele se tocasse em alguma, e por isso deixou-as estar, embora desgostoso, e finalmente chegou a Theth. Lá, todos os homens adoravam Hlo-hlo, embora estivessem dispostos a acreditar em outros deuses (como atestam os missionários), mas apenas como presas para a caça de Hlo-hlo, que usa as suas auréolas, segundo dizem, em ganchos de ouro junto ao seu cinto de caça. De Theth veio para a cidade de Mounge e para o templo de Mounge-ga-ling, onde entrou e viu o deus aracnídeo Hlo-hlo sentado com o Diamante do Morto reluzindo no seu colo, e olhando para o mundo como se fosse uma Lua cheia, mas uma Lua cheia vista por um lunático que tivesse dormido demasiado tempo sob a sua luz, pois o Diamante do Morto apresentava um certo aspecto sinistro que pressagiava coisas que será melhor não mencionar aqui. O rosto do deus aracnídeo estava iluminado pela fatídica pedra preciosa; não havia outra luz. Apesar dos seus chocantes membros

e daquele corpo demoníaco, o seu rosto estava sereno e aparentemente inconsciente.

Um pequeno receio assolou o pensamento de Thangobrind, o joalheiro, um tremor passageiro — nada mais. Negócios eram negócios e ele esperava que tudo corresse pelo melhor. Thangobrind ofereceu mel a Hlo-hlo e ajoelhou-se diante dele. Oh, como ele era astuto! Quando os sacerdotes surgiram do escuro para provar o mel, ficaram estendidos no chão do templo, inconscientes, porque havia uma droga nesse mel que lhe fora oferecido. E Thangobrind, o joalheiro, agarrou no Diamante do Morto, colocou-o às costas e afastou-se do santuário, caminhando pesadamente. E Hlo-hlo, o deus aracnídeo, não disse nada, apenas sorria subtilmente, enquanto o joalheiro fechava a porta. Quando os sacerdotes acordaram do efeito da droga que fora oferecida juntamente com o mel a Hlo-hlo, dirigiram-se apressadamente para uma pequena sala secreta, iluminada pelas estrelas, e projectaram o horóscopo do ladrão. Os sacerdotes pareciam satisfeitos com alguma coisa que aí viam.

Thangobrind não tinha o hábito de regressar pelo mesmo caminho por onde viera. Não, ele seguia por outra estrada, mesmo que essa fosse dar ao estreito caminho, à casa da noite e ao bosque da aranha.

À medida que se arrastava dali para fora com o seu diamante, a cidade de Mounng erguia-se por detrás dele, varanda após varanda, ofuscando metade das estrelas. Caminhava receoso. Contudo, quando surgiu atrás dele um leve som, como o de pés de veludo, recusou-se a admitir que pudesse ser o que ele receava, apesar de os seus instintos de negociante lhe dizerem que não é bom, quando qualquer tipo de barulho segue um diamante durante a noite, e este era um dos maiores diamantes que alguma vez lhe fora parar às mãos. Quando chegou ao estreito caminho que conduz ao bosque da aranha, o joalheiro deteve-se hesitante, sentia o Diamante do Morto pesado e frio, e o som dos passos aveludados parecia assustadoramente próximo. Olhou para trás: não havia ninguém. Escutou com atenção, agora não se ouvia qualquer ruído. Então pensou nos gritos da filha do Grande Mercador, cuja alma era o preço do diamante, e sorriu, e decidido, seguiu adiante. Do outro lado do estreito caminho, observava-o aquela inexorável e sinistra mulher cuja casa era a Noite. Tendo deixado de ouvir o som de passos suspeitos, Thangobrind sentia-se agora mais tranquilo. Quando tinha quase chegado ao final do estreito caminho, a mulher soltou indiferentemente aquela agourenta tosse.

A tosse era demasiado significativa para que ele não fizesse caso dela. Thangobrind virou-se e, em seguida, viu aquilo que temia. O deus aracnídeo não tinha ficado em casa. O joalheiro colocou gentilmente o diamante no chão e puxou da sua espada a qual chamava de Rato. E então

começou no estreito caminho aquela famosa luta, na qual parecia ter muito pouco interesse a sinistra velha, cuja morada era a Noite. Para o deus aracnídeo via-se bem que tudo não passava de uma terrível piada. Para o joalheiro era um lúgubre sinal. Lutou ofegante e foi sendo empurrado aos poucos pelo estreito caminho, mas feriu Hlo-hlo durante todo o tempo com terríveis e longos golpes, por todo o seu vasto corpo mole, até que o Rato ficou coberto de sangue. Mas, por fim, o persistente riso de Hlo-hlo foi demasiado para os nervos do joalheiro, e, ferindo uma vez mais o seu demoníaco adversário, deixou-se cair horrorizado e exausto junto à porta da casa chamada Noite, aos pés da sinistra velha, a qual, depois de ter proferido aquela tosse horrorosa, não interferiu mais no decurso dos acontecimentos. E os que tinham essa tarefa levaram Thangobrind, o joalheiro, para a casa onde estavam dois homens pendurados e, tirando do gancho o que estava à esquerda, colocaram no seu lugar aquele atrevido joalheiro; para que caísse ali sobre ele o fatídico destino que temia, como todos os homens sabem, apesar de se ter passado tanto tempo, e de alguma maneira a ira dos invejosos deuses se ter acalmado.

E a única filha do Grande Mercador sentiu tão pouca gratidão por este magnífico final que adoptou a respeitabilidade de um combatente, tornou-se numa taciturna agressiva, chamou à sua casa a Riviera inglesa, e arranjou coisas de uma grande vulgaridade, bordadas a estambre, para a cobertura do seu bule de chá, e no final não morreu, mas desapareceu na sua residência.

A CASA DA ESFINGE

(Tradução de Marta Oliveira)

Quando cheguei à Casa da Esfinge, era já de noite. Fui recebido calorosamente. E, apesar do sucedido, fiquei contente por ter encontrado um lugar para me abrigar daquela abominável floresta. Rapidamente me apercebi de que se tinha passado alguma coisa, embora um certo manto de segredo fizesse tudo o que pudesse para o ocultar. Bastou a inquietação das boas-vindas para me fazer suspeitar desse manto.

A Esfinge estava de mau humor e silenciosa. Eu não pretendia intrrometer-me nos segredos da Eternidade nem investigar a vida privada da Esfinge, por isso tinha pouco para dizer e não muito para perguntar. Mas, dissesse eu o que dissesse, ela continuava taciturnamente indiferente. Era óbvio que ou ela suspeitava de que eu vinha em busca dos segredos de um dos seus deuses, ou que estivesse a ser audaciosamente intrmetido acerca da sua relação com o Tempo, ou então talvez se encontrasse sombriamente absorta a remoer sobre o sucedido.

Apercebi-me depressa de que esperavam mais alguém. Dei-me conta disso pela maneira apressada como eles olhavam de relance da porta para o sucedido e do sucedido outra vez para a porta. Contudo, era óbvio que não passava da porta a bater no trinco. E que trincos, e que porta!... Ferrugem, deterioração e bolor há muito tempo que aí se tinham instalado, e já não era uma barreira capaz de impedir a passagem mesmo de um lobo destemido. E eles pareciam temer algo bem pior do que um lobo.

Um pouco mais tarde deparei, pelo que disseram, que algo imperioso e aterrorizante procurava a Esfinge, e que sucedera qualquer coi-

sa que tornara certa a sua chegada. Parece que a tinham esbofeteado para a sacudir da apatia em que se encontrava, para que ela rezasse a um dos seus deuses, o qual ela perturbara na casa do Tempo. Porém, o seu silêncio temperamental e a sua oriental apatia eram invencíveis, desde que aquilo acontecera. E quando se aperceberam de que não conseguiriam obrigá-la a rezar, não lhes restava mais nada senão olhar para a ferrugenta fechadura da porta e para o sucedido, e supor, fingindo mesmo ter esperança, e dizer que, afinal, poderia ser que não trouxesse aquela coisa destinada da floresta, de que ninguém ousava prenunciar o nome.

Poder-se-ia dizer que eu escolhera uma casa macabra, mas não se tivesse descrito a floresta de onde viera, e estava desesperado por encontrar um lugar qualquer em que pudesse descansar a mente sobre o assunto.

Magiquei muito acerca do que poderia vir da floresta, por conta do sucedido; e tendo eu visto essa mesma floresta (como você, caro leitor, não viu), tinha a vantagem de saber que qualquer coisa poderia vir daí. Era escusado perguntar à Esfinge, pois esta revelava o que quer que fosse; tal como o seu amante, o Tempo (os deuses saem a ela), e enquanto estivesse com esse humor, a recusa seria certa. Por isso, comecei a olear a fechadura da porta silenciosamente. E, assim que eles viram esse meu simples acto, ganhei-lhes a confiança. Não é que o meu trabalho tivesse alguma serventia, dado que já deveria ter sido feito há muito tempo. Mas puderam ver que a minha atenção fora dada, na altura ao que consideravam vital. Reuniram-se então à minha volta. Perguntaram-me o que achava da porta, e se já tinha visto melhores ou piores. Contei-lhes acerca de todas as portas que conhecia, disse-lhes que as do baptistério na Florença eram melhores, e que as que eram feitas por uma certa firma de construtores em Londres eram piores. E então perguntei-lhes o que é que vinha atrás da Esfinge por conta do sucedido. Inicialmente não mo quiseram dizer, e então parei de olear a porta. Foi então que me disseram de que se tratava do principal inquiridor da floresta, que é investigador e vingador de todas as coisas silvestres. E por tudo o que disseram sobre ele, pareceu-me que se tratava de uma pessoa bastante lívida, e que era um tipo de loucura que se acalmaria sem qualquer remorso sobre o local, uma espécie de neblina em que a razão não tivesse lugar. Era o medo que lhe sentiam que fazia com que se atrapassem nervosamente com a fechadura daquela porta carcomida; mas com a Esfinge era mais uma pura profecia do que medo.

A esperança que tinham tentado ter estava a dar os seus frutos, mas eu não a partilhava; era óbvio que o que temiam era a consequência do sucedido, mas esta era mais visível na resignação da cara da Esfinge do que na arrependida preocupação deles com a porta.

O vento sussurrava, a chama das grandes velas cintilava, e o evi-

dente medo deles e o silêncio da Esfinge tornou-se, cada vez mais, parte da atmosfera, e morcegos passavam agitadamente pela escuridão do vento que quase apagava a luz das velas.

Em seguida ouviram-se gritos longinquamente, depois um pouco mais perto. Alguma coisa vinha na nossa direção, rindo de um modo hediondo. Apressadamente, dei um empurrão à porta que eles guardavam. O meu dedo penetrou bem na madeira podre, foi impossível evitá-lo. Não tinha qualquer gozo em ficar ali a observar o pavor deles. Pensei na porta das traseiras, pois a floresta era melhor do que tudo aquilo. Apenas a Esfinge estava absolutamente calma, a sua profecia realizara-se e ela parecia ter visto o seu destino, de tal forma que nada poderia perturbá-la.

Por degraus de escada podres, tão velhos como o Homem, e pelas escorregadias bermas do temível abismo, com uma preocupante vertigem em volta do coração e um sentimento de horror na planta dos pés, subi de torre em torre até encontrar a porta que procurava. E ela abriu-se para um dos ramos mais elevados de um enorme e sombrio pinheiro, através do qual desci para o chão da floresta, ficando contente por estar de volta a esse mesmo local de onde tinha fugido.

Não sei como se terá saído a Esfinge na sua casa ameaçada. Se terá ficado atônita para sempre, inconsolável, com o que se passara, recordando-o apenas na sua mente ferida, para a qual agora os rapazitos olham de esguelha, e que outrora conheceu bem aquelas coisas perante as quais o homem fica horrorizado; ou se no fim se escapuliu, trepando horrendamente de abismo em abismo, alcançando por fim entidades mais elevadas, ou se ainda hoje é sábia e eterna... Pois quem conhece a loucura, para saber se ela é divina ou proveniente do inferno?

PROVÁVEL AVENTURA DE TRÊS HOMENS DE LETRAS

(Tradução de Marta Oliveira)

Quando os nómadas vieram para El Lola, já não tinham mais canções, e a ideia de roubarem a caixa dourada surgiu-lhes em toda a sua magnitude. Por um lado, muitos tinham tentado encontrar essa mesma caixa, que (como os Etíopes sabem) é um receptáculo de poemas de incrível valor, sendo o seu destino ainda hoje comentado na Arábia. Por outro lado, era muito desolador terem de se sentar à noite, em volta da fogueira do acampamento, sem novas canções.

Tinha sido a tribo de Heth que tinha discutido estas coisas durante um serão, nas planícies, abaixo do cume de Mluna. A sua terra natal era ponto de passagem pelo mundo de errantes de que não há memória; e instalara-se uma certa apreensão entre os nómadas mais velhos, porque não havia novas canções; enquanto, intocável pelas preocupações humanas, intocável ainda pela noite que escondia as planícies, o cume de Mluna, sereno no resplendor crepuscular, olhava para a Terra Dúbia. E foi aí, na planície do lado conhecido de Mluna, à medida que a estrela da noite surgia timidamente e as chamas da fogueira levantavam as suas ermas plumas sem serem aclamadas por qualquer canção, que aquele precipitado esquema a que o mundo chamou A Busca da Caixa Dourada foi rapidamente elaborado pelos nómadas.

A única medida acertada que os nómadas mais velhos podiam ter tomado era a de escolher para seu ladrão um tal Slith, precisamente aquele que (mesmo enquanto escrevo) se antecipou ao rei de Westalia, tantas vezes quantas as preceptoras ensinaram em salas de aula. Porém, o peso da caixa

era tal que outros tiveram que o acompanhar, e Sippy e Slorg eram ladrões tão ágeis como aqueles que hoje se podem encontrar entre os vendedores de antiguidades.

Foi assim que estes três subiram, no dia seguinte, ao cume de Mluna e dormiram como puderam na neve, para evitar passar a noite no meio da floresta da Terra Dúbia. E a manhã chegou radiante com os pássaros a cantar, mas a floresta em baixo, de uma imensidão a perder de vista, com os seus despidos e sinistros despenhadeiros, representava uma ameaça indescritível.

Apesar de vinte anos de experiência em roubo, Slith pouco dizia. Apenas se um dos outros fizesse rolar alguma pedra com o pé, ou, mais tarde já na floresta, se algum deles pisasse um graveto, ele sussurrava-lhes ríspidamente sempre as mesmas palavras: — Assim não vamos longe. — Sabia que não podia fazer deles melhores ladrões em apenas dois dias de viagem, e quaisquer que fossem as suas dúvidas, não interveio mais.

Das altas encostas de Mluna desceram até às nuvens, e das nuvens para a floresta, onde havia animais, tal como os três ladrões sabiam, para os quais toda a carne era alimento, fosse ela de peixe ou humana. Aí, cada um deles tirou idolatramente do bolso um deus diferente, rezando por protecção no bosque desafortunado, na esperança de conseguirem uma tripla hipótese de fuga, dado que se alguma coisa pudesse comer um deles, era mais do que certo que os comeria a todos. Fiam-se em que o corolário poderia ser verdadeiro e que todos escapariam se um escapasse. Se um desses deuses estava de boa maré e acordado, ou todos eles; ou se foi a sorte que os trouxe pela floresta sem serem devorados por detestáveis criaturas, ninguém o sabia, mas certamente que nem os emissários do deus que a maioria temia, nem a ira do deus local daquele lugar ameaçador, infligiram a sua maldição sobre os três aventureiros, naquele lugar e nessa altura. E foi assim que chegaram ao Brejo Ressoante, no coração da Terra Dúbia, cujas tormentosas colinas não passavam da ondulação do terreno e da erosão provocada por um terramoto agora adormecido. Algo tão gigantesco, que parecia injusto que se pudesse mover tão delicadamente, aproximou-se esplendidamente deles, e tão à justa lhes passou despercebido, que uma palavra soou e ecoou na imaginação dos três... — Se... se... se. — E quando esse perigo finalmente passou, continuaram cautelosamente de novo o seu caminho, deparando-se, passado pouco tempo, com um pequenino e inofensivo ser, meio mágico e meio gnomo, soltando sons estridentes, contentes guinchos nos confins do mundo. Afastaram-se um pouco para não serem vistos, pois, segundo disseram, a curiosidade do pequenino ser tornara-se incrível, e inofensivo como era, não lidaria bem com segredos. Além disso eles, provavelmente detestaram a maneira como ele fossava por

entre os brancos ossos dos mortos, e não admitiriam essa profanação, pois não ficava bem a aventureiros interessarem-se por quem pudesse comer os seus ossos. Fosse como fosse, afastaram-se cuidadosamente do pequenino ser, e chegaram quase no mesmo instante ao pé da árvore mirrada, a meta da sua aventura, e sabiam que perto deles se encontrava a fenda do mundo e a ponte do Mau para o Pior, e que por baixo ficava a casa rochosa do Dono da Caixa.

Eis o simples plano deles: entrar furtivamente pela passagem aberta no rochedo mais elevado; descer delicadamente por ali abaixo (descalços, é claro) sob o aviso aos transeuntes que está gravado na pedra, que os intérpretes supõem ser «É Melhor Não»; não tocar nos frutos silvestres que estão lá por algum motivo, à direita de quem desce; e assim se aproximarem do guardião, no seu pedestal, que há mais de mil anos dormia e que ainda deveria estar a dormir; e depois entrarem pela janela aberta. Um deles teria que esperar lá fora, junto da fenda do Mundo, até os outros saírem com a caixa dourada, e, se eles gritassem por socorro, deveria tentar de imediato soltar o grampo de ferro que mantinha a fenda unida. Quando a caixa estivesse segura, deviam pôr-se em viagem e seguir durante toda a noite e todo o dia seguinte, até que um banco de nuvens, que envolvesse as encostas de Mluna, se encontrasse bem entre eles e o Dono da Caixa.

A porta no rochedo estava aberta. Desceram pelos frios degraus sem um único murmúrio, com Slith a conduzi-los durante todo o percurso. Cada um deu aos belos frutos silvestres uma olhadela de desejo, nada mais. O guardião ainda dormia em cima do seu pedestal. Slorg subiu por uma escada, que Slith sabia onde encontrar, até ao grampo de ferro que fechava a fenda do Mundo, e esperou a seu lado, com um cinzel na mão, atento a qualquer sinal adverso, enquanto os seus companheiros entravam sorrateiramente na casa, e nenhum som se ouvia. Passado pouco tempo, Slith e Sippy encontraram a caixa dourada: tudo parecia estar a correr conforme planeado, só faltava saber se era a correcta, e fugir com ela daquele lugar medonho. Sob o abrigo do pedestal, tão perto do guardião que lhe conseguiam sentir o calor do corpo (que, paradoxalmente, tinha o efeito de gelar o sangue do mais corajoso), partiram o fecho de esmeralda e abriram a caixa dourada; e ali, à luz de engenhosas faíscas que Slith sabia como engendrar, inspeccionaram o seu conteúdo, procurando tapar com os seus corpos mesmo aquela luz tão fraca. Qual não foi a sua alegria, naquele arriscado momento, enquanto se escondiam entre o guardião e o abismo, ao verificarem que a caixa continha quinze inigualáveis odes na forma alcaica; cinco sonetos, que eram de longe os mais harmoniosos do mundo; nove baladas à maneira provençal, de que não havia igual nos tesouros do homem; um poema dirigido a uma traça, em vinte e oito perfeitas estrofes;

uma composição em versos brancos com mais de cem linhas, de um nível que ainda não parece ter sido atingido pelo homem; assim como quinze letras de canções, nas quais nenhum negociante se atreveria a pôr um preço. Teriam voltado a ler estes tesouros de boa vontade, pois traziam-lhes à memória coisas queridas, passadas na infância, e melodiosas vozes vindas de longínquas sepulturas. Mas Slith apontou imperiosamente para o caminho por onde tinham vindo, e apagou a luz. Slorg e Sippy suspiraram, em seguida pegaram na caixa.

O guardião ainda dormia o sono que perdurava há mil anos.

À medida que se afastavam, viram uma complacente cadeira, perto dos confins do Mundo, na qual o Dono da Caixa se sentara nos últimos tempos, lendo sozinho e egoisticamente as mais maravilhosas canções e versos com que os poetas alguma vez sonharam.

Desceram até ao fundo das escadas em silêncio, e depois sucedeu que, quando estavam quase a chegar a um lugar seguro, pela calada da noite, uma mão, num dos aposentos de cima, acendeu uma luz horrível, sem emitir qualquer som.

Por instantes pareceu-lhes tratar-se de uma luz vulgar, podendo mesmo assim ser fatal num momento como aquele, mas, quando os começou a seguir como um olho e a ficar cada vez mais rubra, enquanto os observava, fez com que o optimismo deles desaparecesse rapidamente.

De um modo muito insensato, Sippy tentou a fuga e, com a mesma insensatez, Slorg tentou esconder-se. Porém, Slith, sabendo bem porque é que aquela luz fora acesa naquela câmara secreta mais acima, e *quem* a acendera, saltou para lá dos confins do Mundo e ainda hoje está em queda, através dessa abismal escuridão sem eco.

AS PRECES IMPRUDENTES DE POMBO, O IDÓLATRA

(Tradução de Ana Margarida Canelas)

Pombo, o idólatra, rezara a Ammuz uma simples prece, uma oração necessária, uma que até um ídolo de marfim poderia facilmente atender, e Ammuz não tinha respondido de imediato. Assim, Pombo tinha rezado a Tharma pela destruição de Ammuz, um ídolo seu aliado, e ao fazê-lo, acabou por ofender, mais uma vez, a etiqueta dos deuses. Tharma recusou-se a responder ao seu pequeno pedido. Pombo rezou freneticamente a todos os deuses da idolatria, pois, embora fosse um assunto simples, tratava-se de algo muito necessário a um homem. Os deuses, que eram mais velhos que Ammuz, rejeitaram as suas preces, os mais novos, e por isso de maior reputação também o fizeram. Rezou a cada um deles e todos se recusaram ouvi-lo. No início, nem sequer pensou na subtil e divina etiqueta que desse modo ofendera. Enquanto rezava ao seu quinquagésimo deus, feito do jade verde conhecido pelos chineses, ocorreu-lhe de súbito que os deuses se tinham unido contra ele. Quando chegou a essa conclusão, amaldiçoou amargamente o dia em que nascera, lamentou-se e considerou-se perdido. Na altura, podê-lo-íamos ter visto a entrar em qualquer loja de bugigangas e em qualquer local de Londres onde se vendiam os ídolos de marfim ou de pedra, pois vivia em Londres com outros da sua raça, embora tivesse nascido em Burma, entre os que consideram o Ganges sagrado. Em noites enevoadas do mais rigoroso Novembro, o seu fatigado rosto podia reflectir-se no vidro da montra de uma loja, onde suplicava alguma calma a um ídolo de pernas cruzadas, até que um polícia o mandasse seguir. Depois das horas de fecho, voltaria para o seu quarto escuro e pobre, naquela parte da capital

onde o inglês é pouco falado, para fazer súplicas aos seus pequenos ídolos. Quando o seu simples e necessário pedido foi igualmente recusado pelos ídolos dos museus, casas de leilão, lojas, então reflectiu melhor, comprou incenso que acendeu num queimador perante os seus próprios pequenos ídolos baratos, e tocou ao mesmo tempo um instrumento como os que os homens usam para encantar as cobras. Ainda assim, os deuses uniram-se em torno da etiqueta que pretendiam manter.

Quer Pombo soubesse desta etiqueta e a considerasse frívola perante a sua própria necessidade, ou que a sua necessidade, agora desesperada, tivesse alterado a sua mente, é algo que eu não sei. Mas Pombo, o idólatra, pegou num pau e repentinamente tornou-se iconoclasta.

Pombo, o iconoclasta, imediatamente saiu de sua casa, deixando que os seus ídolos fossem varridos com o pó, para assim se juntarem à Humanidade. Visitou então um arqui-idólatra de renome, que esculpia ídolos em pedras raras e apresentou-lhe o seu caso. Este, que fazia os seus próprios ídolos, repreendeu Pombo, em nome da Humanidade, por ter quebrado os seus ídolos — Pois não seriam todos eles feitos pelo Homem? — questionou ele. No que dizia respeito aos próprios ídolos e alongando-se eruditamente, explicou a etiqueta divina, de que forma Pombo a tinha ofendido, e como nenhum ídolo do mundo escutaria o seu pedido. Ao ouvir tal, Pombo chorou, clamou amargamente, amaldiçoou os deuses de marfim e de jade, e a mão do Homem que os esculpira, mas acima de tudo, amaldiçoou a etiqueta deles que tinha prejudicado, como ele próprio disse, um homem inocente. Foi então que o arqui-idólatra, que esculpia os seus próprios ídolos, parou de trabalhar numa figura de jaspe, para um rei que estava cansado de Wosh, e se apiedou de Pombo. Disse-lhe que apesar de nenhum ídolo no mundo responder ao seu pedido, existia um ídolo de pouca reputação, ainda que um pouco fora dos parâmetros comuns, que nada sabia dessa etiqueta, e que respondia a pedidos a que nenhum deus de respeito se dignaria a atender. Quando Pombo escutou estas palavras, pegou em pedaços da barba do idólatra e beijou-os alegremente, secando as suas lágrimas, tornando-se tão impertinente como anteriormente. E aquele que esculpia em jaspe o usurpador de Wosh explicou como na aldeia do Fim do Mundo, no local mais longínquo da Última Rua, existia um buraco que muitos consideravam ser um poço, perto dos muros do jardim, mas que se ele se agachasse no limiar dessa abertura, suspendesse o corpo e tacteasse durante algum tempo com os pés, até encontrar apoio, encontraria o primeiro degrau de uma escadaria que o iria levar abaixo do limiar do mundo. — Tanto quanto se sabe, aquela escadaria deve ter uma razão de existir, ou até mesmo um último degrau — disse o arqui-idólatra. — Mas em vão discutiríamos esses últimos degraus. — Então os dentes de Pombo come-

çaram a ranger, pois temia a escuridão. O que fazia os seus próprios ídolos, explicou-lhe então que essa escadaria era sempre iluminada por uma débil luz azul, sobre a qual o Mundo gira. Em seguida disse-lhe: — Vai pela Casa da Solidão e passa por baixo da ponte que conduz à Casa de Nenhures, cuja função ninguém conhece, daí, passa por Maharrion, o deus das flores, e o seu sumo-sacerdote, que não é pássaro nem gato, e encontrarás o pequeno ídolo Duth, o deus de fraca reputação que atenderá o teu pedido. — E voltou a esculpir o seu ídolo de jaspe, pois o rei estava cansado de Wosh. Pombo agradeceu-lhe e partiu cantarolando, pois na sua mente vernácula pensava «*ter dominado os deuses*».

É uma longa viagem de Londres até ao Fim do Mundo, e Pombo já não tinha dinheiro, ainda que no espaço de cinco semanas estivesse a atravessar a Última Rua, mas como conseguiu lá chegar, não o poderei dizer, pois não foi inteiramente de forma honesta. Pombo encontrou o poço ao fundo do jardim, por detrás da última casa da Última Rua. Muitos pensamentos lhe passaram pela mente enquanto pairava pendurado pelas mãos no limiar do poço, mas o principal era um que dizia que os deuses se estavam a rir dele, através da boca do arqui-idólatra, o seu profeta, e esse pensamento martelou-lhe na sua cabeça, até esta lhe doer como lhe doíam os pulsos... e então encontrou o degrau.

Pombo começou a descer a escadaria. Aí, decerto, estava o brilho sobre o qual o mundo girava, e as estrelas cintilavam debilmente por dentro dele, lá longe. Não existia nada à sua frente, enquanto descia a escadaria, para além do estranho fragmento de débil luz azul, com as suas múltiplas estrelas, e cometas atravessando-a em longas viagens de regresso a casa. E então viu as luzes da ponte para Nenhures e de repente encontrou-se no reflexo brilhante da luz da janela da sala da Casa da Solidão. Aí, escutou vozes que pronunciavam palavras, e as vozes não eram de modo algum humanas. Se não fosse a sua amarga necessidade, teria gritado e fugido. A meio caminho entre as vozes e Maharrion, que ele agora via a sobressair do mundo, coberto por halos de arco-íris, apercebeu-se do estranho animal cinzento que não é nem gato nem pássaro. Enquanto Pombo hesitava, gelado de medo, ouviu as vozes da Casa da Solidão tornarem-se mais altas e, de um modo furtivo, desceu alguns degraus ultrapassando esse animal. Este observava propositadamente Maharrion, lançando bolhas que são, cada uma, estações de Primavera em constelações desconhecidas, a chamar as andorinhas para campos inimagináveis. Observava-o sem mesmo olhar para Pombo, e viu-o cair no Linlunlarna, o rio que sobe à extremidade do Mundo, bem como o pólen dourado, que adoça a maré do rio, e é transportado para longe do Mundo para ser a alegria das Estrelas. Perante Pombo estava agora o pequeno deus desacreditado que não ligava à etiqueta e que

poderia responder às preces que eram recusadas por todos os ídolos respeitáveis. Pombo, entusiasmado, quer fosse, finalmente, pela visão deste, ou pela sua necessidade ser maior do que ele poderia suportar, continuou a descer a escadaria. Ou se ainda, o que é mais provável, isso se devesse ao facto de querer ultrapassar rapidamente esse animal, é algo que não poderia saber mas que também nada importava para Pombo. Mas, de qualquer modo, não conseguiu parar, como tinha imaginado, em atitude de oração aos pés de Duth, mas passou por ele a correr, descendo os degraus que se estreitavam, agarrando-se às pedras lisas e nuas, até que caiu como quando os nossos corações saltam uma pulsação e tombamos no sonho e de repente acordamos com um terrível susto. Porém, para Pombo não houve nenhum acordar, pois ainda continuou a cair em direcção às negligentes estrelas e o destino dele é o mesmo que o de Slith.

A PILHAGEM DE BOMBASHARNA

(Tradução de Ana Margarida Canelas)

As coisas tinham-se tornado demasiado quentes para Shard, capitão de piratas, em todos os mares que conhecia. Os portos de Espanha estavam fechados para ele; conheciam-no em Santo Domingo; homens piscavam-lhe o olho em Siracusa, quando ele passava; os dois Reis das Sicílias, após uma hora a conversarem com ele, nunca conseguiam sorrir; havia recompensas enormes pela sua cabeça em todas as cidades importantes, com imagens dele para efeitos de identificação, sem que nenhuma o favorecesse. Assim, o Capitão Shard decidiu que já era altura de contar o segredo aos seus homens.

Uma noite, saindo de Tenerife, reuniu-os. Admitiu generosamente que havia coisas no passado que poderiam requerer explicação: as coroas que os Príncipes de Aragão tinham enviado aos seus sobrinhos, os Reis das duas Américas, certamente nunca tinham alcançado essas mais Sagradas Majestades. Onde, poderiam os homens perguntar, estariam os olhos de Capitão Stobbud? Quem tinha incendiado cidades no litoral da Patagónia? Porque haveria um navio como o seu escolher pérolas como carga? Porque existia tanto sangue e tantas armas nas cobertas? E onde estavam o *Nancy*, o *Lark*, ou o *Margaret Belle*? Tais questões, frisou, poderiam ser colocadas pelos curiosos, e se o advogado de defesa fosse um tolo, e alheio às maneiras do mar, eles poderiam ser envolvidos em questões legais problemáticas. E Bill Sangrento, como eles rudemente apelidavam o Sr. Gagg, um membro da tripulação, olhou para o céu, disse que era uma noite de vento e que quase sentia já o nó da forca. Alguns acariciavam os seus pescoços pensati-

vamente, enquanto o Capitão Shard lhes desvendava o seu plano. Ele disse que era chegado o tempo de deixar o *Desperate Lark*, porque também esse barco era bem conhecido pelas marinhas de quatro reinos. Um quinto estaria já à beira de o conhecer, e outros tinham suspeitas. (Mais carrascos do que o Capitão Shard suspeitava estavam já de olho na sua alegre bandeira preta, com o seu limpo crânio em cima de dois ossos cruzados desenhados a amarelo.) Existia um pequeno arquipélago que ele conhecia no lado mau do Mar dos Sargaços. Era constituído por cerca de trinta ilhas, desertas, comuns, mas uma delas flutuava. Tinha-se apercebido disso há anos atrás, tinha ido a terra, mas nunca o confessara a vivalma. Tinha usado a âncora do seu barco para discretamente a ancorar ao fundo do mar, que apenas naquele local era fundo o suficiente, e tinha feito disso o segredo da vida dele, determinado a lá se estabelecer se viesse a casar-se e não lhe fosse possível ganhar o seu sustento do modo como tinha feito até então no mar. Da primeira vez que a viu, flutuava ligeiramente com o vento no topo das árvores; mas se o cabo não se tivesse enferrujado e partido, estaria ainda onde ele a deixara. Construiriam um leme e escavariam cabanas por baixo, à noite içariam as velas nos troncos das árvores e velejariam para onde quisessem.

Todos os piratas se alegraram, pois todos eles queriam voltar a colocar os pés em terra firme, em qualquer local onde o carrasco não fosse imediatamente pendurá-los de uma corda; e ainda que fossem homens corajosos, sofriam uma forte tensão quando viam tantas luzes aproximarem-se deles à noite. Mesmo nessa altura...! Mas o barco mudou de direção novamente, e perdeu-se no nevoeiro.

O Capitão Shard disse que, primeiro, urgia tomar providências, e que ele, em particular, se pretendia casar antes de se estabelecer. Assim, eles deveriam entregar-se a mais uma escaramuça antes de deixarem o navio, saquear a costa marítima da cidade de Bombasharna e retirar provisões para vários anos, enquanto ele se casaria com a Rainha do Sul. De novo os piratas se alegraram, pois frequentemente observaram do mar a costa marítima de Bombasharna, e sempre tinham invejado a sua opulência.

Assim, içaram todas as velas, e por vezes alteraram o seu curso, evitando e fugindo das luzes estranhas até que o amanhecer surgisse, e, durante todo o dia, escapuliram-se para o sul. Ao anoitecer, viram os esplendurosos pináculos prateados de Bombasharna, uma cidade que era a glória da costa. No meio deles, apesar de ainda afastados, viram o palácio da Rainha do Sul. Era tudo tão cheio de janelas olhando o mar, e estas estavam tão iluminadas, tanto pelo pôr-do-sol que se diluía na água, como pelas velas que as criadas iam acendendo uma a uma, que parecia de longe uma pérola, brilhando ainda dentro da sua concha molhada pelo mar.

O Capitão Shard e os seus piratas observaram-na, à noite sobre a água, e pensaram nos rumores que diziam que Bombasharna era a cidade mais linda de todas as costas do mundo, que o seu palácio era mais deslumbrante do que a própria Bombasharna; mas que, em relação à Rainha do Sul, tais rumores não tinham qualquer comparação. Então, quando a noite caiu e escondeu os pináculos prateados, Shard deslizou pela escuridão que se uniformizava, até que por volta da meia-noite o navio pirata se encontrava por baixo das muralhas, junto à costa.

À hora a que habitualmente os homens doentes morrem e os sentinelas sós, em plataformas, se encostam às armas, exactamente meia hora antes do amanhecer, Shard, com dois barcos a remos e metade da sua tripulação, astuciosamente silenciosos, acostaram abaixo das ameias. Já estavam dentro da entrada do palácio antes que o alarme soasse. Logo que o ouviram, os artilheiros de Shard, ainda no mar, abriram fogo contra a cidade, e antes que os sonolentos guardas de Bombasharna se apercebessem se o perigo vinha de terra ou do mar, Shard já tinha capturado a Rainha do Sul. Teriam pilhado aquela cidade prateada da costa marítima durante todo o dia, mas com o amanhecer, avistaram-se gáveas suspeitas ao longe no horizonte. Então o capitão, com a sua Rainha, baixou à beira-mar, embarcou imediatamente e velejou para fora dali com o que a rápida pilhagem lhes permitiu adquirir, e com menos homens, pois tiveram que lutar arduamente para voltar ao navio. Amaldiçoaram todo o dia a interferência desses navios de mau presságio que gradualmente se aproximavam. No início eram seis, e naquela noite conseguiram afastar-se de todos à excepção de dois; durante o dia seguinte, esses dois mantiveram-se à vista e cada um deles tinha mais armas do que o *Desperate Lark*. Na noite seguinte, Shard escondeu-se pelo mar, mas os dois navios separaram-se e um manteve-se no seu encalço. Na manhã seguinte, mantinha-se sozinho no mar com Shard, e o seu arquipélago estava à vista, o segredo da sua vida.

O capitão apercebeu-se que teria que lutar, e que seria uma luta dura, mas ainda assim, servia os seus propósitos, porque ele tinha mais homens folgazões quando a batalha começara do que iriam ser necessários para a sua ilha. Terminaram a luta antes que qualquer outro navio surgisse; Shard pôs todas as adversidades para trás das costas e, nessa mesma noite, chegou às ilhas próximas do Mar dos Sargaços.

Antes do amanhecer já os sobreviventes da tripulação perscrutavam o mar, e quando o dia surgiu, lá estava a ilha, não era maior do que dois navios e arrastava arduamente a sua âncora, com o vento no topo das árvores.

Acostaram, cavaram cabanas por baixo da superfície, elevaram a âncora do fundo do mar, e logo fizeram da ilha o que eles apelidavam de na-

vegável. Quanto ao *Desperate Lark*, enviaram-no vazio à deriva, onde mais nações do que Shard suspeitava andariam à sua procura, e que acabou por ser capturado por um almirante espanhol que, quando não encontrou nenhum membro da infame tripulação a bordo, para pendurar pelo pescoço na lais, adoeceu de decepção.

Shard, na sua ilha, ofereceu à Rainha do Sul o mais famoso de todos os velhos vinhos da Provença, e para adorno deu-lhe as jóias da Índia, pilhadas de galeões com tesouros destinados a Madrid. Estendeu uma mesa ao sol onde ela jantou, enquanto numa cabana abaixo ordenou ao menos rude dos seus marinheiros que cantasse. No entanto, ela estava sempre sombria e mal-humorada para com ele, e frequentemente à noite ouviam-no dizer que gostaria de ter sabido mais sobre os modos das rainhas. Assim viveram durante anos, os piratas, maioritariamente, jogavam e bebiam abaixo da superfície; o Capitão Shard tentava agradecer à Rainha do Sul, mas ela manteve sempre recordações de Bombasharna. Quando precisavam de mantimentos, içavam as velas nas árvores e, desde que nenhum navio entrasse no seu raio de visão, navegavam de vento em popa, com a água ondulado por cima da praia da ilha. Porém, assim que eles avistavam um navio, as velas desciam logo, e tudo se transformava numa simples rocha perdida.

Eles moviam-se principalmente durante a noite. Por vezes deambulavam perto de velhas cidades costeiras; outras entravam corajosamente pela foz dos rios, e por momentos ligavam-se ao continente, onde pilhavam a vizinhança e fugiam novamente para o mar. Se um navio naufragasse na sua ilha, diziam que tanto melhor. Tornaram-se especialistas em náutica, e astutos no que faziam, pois sabiam que quaisquer notícias da antiga tripulação do *Desperate Lark* trariam carrascos a todos os portos.

Não se conhece ninguém que os tenha descoberto ou que lhes tenha anexado a ilha. No entanto, surgiu um rumor que passou de porto em porto, em todos os lugares onde os marinheiros se reúnem e que ainda hoje persiste, de que uma rocha perdida e perigosa, em qualquer lugar entre Plymouth e o Cabo Horn, aparecia repentinamente em rotas seguras de navios, e que contra essa muitos navios teriam naufragado, sem deixar, por incrível que pudesse parecer, qualquer vestígio do seu terrível destino. No início houve alguma especulação sobre o assunto, contudo, esta foi silenciada por uma observação oportuna de um homem envelhecido pela reflexão: — É um dos mistérios que assombram o mar.

O Capitão Shard e a Rainha do Sul quase viveram felizes para sempre, ainda que à noite, aqueles em vigilância nas árvores vissem o seu capitão sentado com um ar confuso ou o ouvissem murmurar, de vez em quando, de um modo descontente: — Gostava de ter sabido mais sobre os modos das rainhas.

A MENINA CUBBIDGE E O DRAGÃO DAS HISTÓRIAS ROMÂNTICAS

(Tradução de Ana Margarida Canelas)

*Esta história é contada nas varandas de Belgrave Square,
por entre as torres de Pont Street. À noite, é entoada por homens
na Brompton Road.*

Pouco depois do seu décimo oitavo aniversário e antes que um novo ano decorresse, a Menina Cubbidge, do número 12-A da Praça Prince of Walles, perderia a visão daquela forma oblonga e pouco definida que era há tanto tempo a sua casa. Se lhe tivéssemos contado que qualquer vestígio dessa Praça, ou lhe tivéssemos dito que o dia em que o seu pai fora escolhido, por uma maioria arrasadora, para compartilhar a orientação dos destinos do império, se iriam apagar completamente da sua memória, ela apenas teria respondido, naquela sua voz afectada: — Nem pensem!

Não se escrevera nada sobre o tema na imprensa diária, as políticas do partido do seu pai não o previram, nem se tinham ouvido quaisquer indícios do mesmo nas conversas das festas nocturnas em que a Menina Cubbidge comparecera. Não houvera mesmo nada que a pudesse advertir de que um dragão repugnante, com escamas douradas, que se moviam à medida que ele se mexia, surgiria límpido, saído do auge das histórias românticas, atravessaria a noite de Hammersmith (tanto quanto sabemos), para chegar às mansões de Ardle, e que aí voltaria à sua esquerda, o que o traria, claro está, à casa do pai da Menina Cubbidge.

Era aí que, à noite, ela se sentava sozinha na varanda da casa, enquanto aguardava a chegada do seu pai que em breve receberia o título de baronete. Calçava umas botas de passeio, um chapéu e um vestido de noite decotado, pois um pintor estava mesmo a acabar o seu retrato, e nem ela, nem ele notaram nada de estranho naquela inusitada combinação. A Menina Cubbidge não se apercebeu do rugido das escamas douradas do

dragão, nem se deu conta, por cima das muitas luzes da cidade de Londres, do pequeno clarão vermelho nos seus olhos. De repente, ele ergueu a cabeça numa chama de ouro, por cima da varanda. Naquele instante não parecia ser um dragão amarelo, pois as suas escamas brilhantes reflectiam a beleza que a cidade de Londres tem, unicamente, ao entardecer e à noite. Ela gritou, mas não foi por nenhum cavaleiro, nem saberia por que cavaleiro chamar, nem imaginava onde poderiam estar os caçadores de dragões dos românticos dias de aventura, nem sabia o que perseguiam, nem que guerras pudessem travar. Talvez até estivessem ocupados, preparando já as armas para o Armagedão.

No exterior da casa de seu pai, na Praça Prince of Wales, a varanda pintada de verde-escuro enegrecia a cada ano que passava. O dragão levantou a Menina Cubbidge, abriu as suas asas ruidosas e Londres desapareceu como uma moda antiga. A seguir, Inglaterra, a fumaça das suas fábricas e o redondo mundo material que gira à volta do Sol, envergonhado e perseguido pelo tempo, esvaneceu-se, até que surgiram as terras eternas e antigas das histórias românticas, baixas e banhadas por mares místicos.

Ninguém imaginava a Menina Cubbidge acariciando, dolentemente com uma das mãos, a cabeça dourada de um dos dragões das trovas, enquanto com a outra, por vezes, brincava com pérolas trazidas de remotas paragens marítimas. Enchiam enormes conchas com pérolas e colocavam-nas a seu lado. Trouxeram-lhe esmeraldas, as quais prendia na cabeça para que flamejassem entre as tranças do seu longo cabelo negro, e também lhe trouxeram safiras para o manto. Tudo isto fizeram os príncipes das fábulas, os duendes e os gnomos encantados. Por um lado, ela ainda vivia, por outro, estava unida a esses tempos recuados, como naqueles contos sagrados que as amas contam, quando as crianças se portam bem, a noite cai, a lareira arde constante e os flocos de neve batem levemente nas vidraças, como passos furtivos de coisas terríveis em bosques antigos e encantados. Se no início sentia saudades das inovações delicadas entre as quais fora criada, a música antiga do mar místico que evoca a sabedoria das fadas acalmou esse sentimento e acabou por consolá-la. Esqueceu, até mesmo, aqueles anúncios a pílulas e drageias, tão apreciados em Inglaterra. Esqueceu-se mesmo da política hipócrita e das coisas sobre as quais poderemos ou não discutir, e não teve outra alternativa a não ser contentar-se com a visão de galeões dourados carregados com tesouros em direcção a Madrid, de bandeiras com o «risonho» símbolo dos piratas, do minúsculo náutico saindo para o mar, e de navios de heróis, que traficam histórias românticas, ou de príncipes que buscavam ilhas encantadas.

Não foi com correntes que o dragão a manteve aí, mas antes com um antigo feitiço. Para uma pessoa, para a qual os meios da imprensa diária

eram há tanto tempo uma crença (poder-se-ia pensar), feitiços e galeões intemporais, e tudo fora de tempo, não teriam qualquer importância. Mas se se tinham passado séculos, anos, ou tempo nenhum, ela não sabia. Se alguma coisa indicasse o passar do tempo, seria o ritmo das trombetas dos duendes que soavam nas alturas. Se os séculos tinham passado por ela, o feitiço que sobre ela caíra dera-lhe uma eterna juventude e mantivera para sempre acesa a lanterna a seu lado, salvando da decadência o palácio de mármore em frente desse mar místico. E se o tempo nunca passava por ela, o seu único momento naquelas costas maravilhosas rodava, reflectindo mil cenários. Se tudo fosse um sonho, era um sonho que não conhecia manhã nem desvanecimento. A maré vagava e sussurrava mistérios e mitos, enquanto perto da jovem cativa, adormecido no seu tanque de mármore, o dragão dourado sonhava: um pouco além da costa, a imagem do seu sonho reflectia-se palidamente na névoa que pairava sobre o mar. Nunca sonhou com um cavaleiro que viesse salvar a donzela. Enquanto sonhasse, era sempre crepúsculo; mas ao sair agilmente do seu tanque, a noite caía e as estrelas brilhavam, cobrindo de reflexos as suas escamas douradas.

Naquele local, ele e a sua cativa derrotaram o Tempo ou nunca o encontraram. Enquanto, no mundo que conhecemos, Roncesvalles enfurecia-se com batalhas ainda por lutar. Não sei para que parte da costa do Romance ele a tinha levado. Talvez ela se tivesse tornado numa dessas princesas de que as fábulas gostam de fazer menção, mas basta saber que aí viveu, à beira-mar. Reis reinaram, Demónios reinaram, reis governaram novamente e muitas cidades voltaram ao pó inicial, mas ela ainda se mantinha no mesmo local: o seu palácio de mármore não desvanecera, nem o poder que havia no feitiço do dragão.

Só uma vez lhe chegou uma mensagem do mundo que em tempos conhecera. Num navio decorado de pérolas que atravessou o mar místico. Era de um velho colega de escola com quem travara amizade em Putney. Somente uma frase, nada mais, numa letra muito redonda, pequena e cuidada. Dizia: «Não será apropriado que estejas aí sozinha.»

A DEMANDA PELAS LÁGRIMAS DA RAINHA

(Tradução de Ana Margarida Canelas)

No seu palácio da floresta, Sylvia, a Rainha dos Bosques, reunia a sua corte e escarnejava dos seus pretendentes. Disse que cantaria para eles, que os honraria com banquetes, que lhes contaria histórias de dias lendários, que os seus malabaristas actuariam, que os seus exércitos os saudariam, que os seus bobos da corte os iriam entreter com palhaçadas, só que ela não os podia amar.

Esse não era o modo de tratar os príncipes no seu esplendor, nem os trovadores misteriosos, que ocultavam os nomes da nobreza. Tal não estaria de acordo com os princípios da fábula, e no mito não havia qualquer precedente que o justificasse. Disseram que ela deveria ter lançado a sua luva no covil de algum leão, pedido uma contagem das cabeças das serpentes venenosas de Licantara, exigido a morte de qualquer dragão notável ou tê-los enviado numa demanda mortal, mas que não os pudesse amar!?!... Era um ultraje nunca antes visto! Nunca houvera um paralelo semelhante nos anais das histórias românticas.

Então, disse ela, que se eles desejassem iniciar uma demanda, ofereceria a sua mão ao primeiro que a levasse às lágrimas, e que essa demanda deveria ser apelidada, para que fizesse referência a histórias ou baladas, de «O Resgate das Lágrimas da Rainha», e que o primeiro que tal conquistasse se casaria com ela, mesmo que fosse apenas um duque insignificante, oriundo de terras desconhecidas das histórias de amor.

Muitos enfureceram-se, pois esperavam uma demanda sangrenta; mas o camareiro-mor disse, enquanto eles murmuravam entre si num local distante e escuro da sala, que tal demanda era difícil mas sábia, pois se ela algum dia chorasse, também poderia amar. Conheciam-na desde pequenina e nunca a tinham visto sequer choramingar. Conheceram muitos homens, pretendentes e cortesãos e nunca viraram a cabeça quando partiam. A sua beleza era como um pôr-do-sol suspenso em amargos entardeceres, quan-

do todo o mundo se encontra congelado e se torna uma maravilha e um arrepio. Ela era como uma montanha atingida por um raio de Sol, altaneira e só, toda enfeitada de gelo; um brilho desolado e solitário ao entardecer, longínquo, para além do mundo confortável, não chegando a sentir a companhia das estrelas nem a maldição do montanhês.

Se ela pudesse chorar, disseram, talvez pudesse amar.

Ela sorriu com ternura para todos esses príncipes ardentes e para os trovadores que ocultavam os nomes da nobreza.

Então, um a um, de mãos estendidas e ajoelhados, cada príncipe pretendente contou a história do seu amor. Muito tristes e plangentes eram essas histórias, de tal forma que frequentemente, nas galerias acima, alguma donzela do palácio chorava. Graciosamente, a rainha acenava com a cabeça, como uma frágil magnólia nas profundezas da noite, movendo-se assim ao ritmo das brisas como uma gloriosa florescência.

Quando os príncipes acabaram de contar as histórias dos seus desesperados amores, partiram sem outro espólio que não o das suas próprias lágrimas. Vieram até mesmo trovadores desconhecidos para cantarem as suas histórias, omitindo os seus nobres nomes.

Havia um, Ackronnion, vestido de farrapos, nos quais se entranhava o pó das estradas. Por baixo dos mesmos, trazia uma armadura marcada pelas batalhas que travara. Quando acariciou a sua harpa e cantou, as donzelas choraram, nas galerias acima, e até mesmo o velho camareiro-mor derramou lágrimas. Mas logo se riu do pranto das jovens, e disse: — É fácil fazer chorar os velhos e trazer lágrimas vãs aos olhos de meninas preguiçosas; mas ele não conseguirá fazer chorar a Rainha dos Bosques.

Graciosamente ela inclinara a cabeça, ele fora o último. Os duques, príncipes e trovadores disfarçados partiram sem consolo. Ackronnion ainda ponderou, enquanto se retirava.

Ele era rei de Afarmah, Lool e Haf, Lorde de Zeroora e do montanhoso Chang, e Duque de Molóng e Mlash, nenhuma destas terras se encontrava ausente das histórias românticas ou era omitida na construção do mito. Assim meditava ele, enquanto partia no seu singelo disfarce.

Agora (para aqueles que já não se lembrem da sua infância, pois têm outras coisas mais importantes para fazer), que fique claro que por debaixo do reino das fadas, que fica, como todos sabem, na extremidade do mundo, vivia o Monstro de Gladsome, que era um sinónimo de alegria.

É sabido como a cotovia no auge da sua ascensão, as crianças a brincar na rua, bruxas boas e parentes velhos e alegres têm todos sido comparados — e de uma forma bem apropriada — a esse mesmo Monstro de Gladsome. Só que ele tem um «piquinho» (se é que me é permitido usar a gíria, por um momento, para me fazer entender), apenas uma desvan-

tagem, que é o facto de a sua alegria estragar os repolhos do Ancião Que Cuida do Reino das Fadas. E, é claro, o facto de devorar homens.

Deverá também ficar bem claro que, quem conseguir captar as lágrimas do Monstro de Gladsome numa taça, e se embriagar com elas, poderá levar qualquer pessoa a chorar lágrimas de alegria, enquanto conseguir permanecer inspirado pela poção, para cantar ou tocar um instrumento.

Agora Ackronnion ponderava sabiamente sobre o seguinte tema: se ele conseguisse obter as lágrimas do Monstro de Gladsome, através da sua arte, enquanto domasse a sua violência pelo feitiço da música e se, enquanto isso, um amigo seu matasse o Monstro de Gladsome, antes que o seu choro parasse (pois este tem sempre um fim, mesmo num homem), poderia assim escapar ileso com essas lágrimas, bebê-las perante a Rainha dos Bosques e levá-la a derramar lágrimas de alegria. Ele procurou então um humilde cavaleiro que não se pudesse enfeitiçar pela beleza de Sylvia, Rainha dos Bosques, mas que tivesse, há já muito tempo no Verão, encontrado a sua donzela. E o nome desse homem era Arrath, um súbdito de Ackronnion, um cavaleiro de armas da guarda-de-lançeiros. Juntos, partiram pelos campos de fábula até que chegaram ao Reino das Fadas, um reino que se ilumina a si mesmo (como é do conhecimento de todos), e que se estende por léguas ao longo das orlas do mundo. Por um velho e estranho caminho, chegaram à terra que procuravam, através de um vento que soprava em sentido contrário, provindo do espaço, e que tinha o tipo de sabor metálico das estrelas errantes. Mesmo assim, chegaram à casa ventosa, com telhados de colmo, onde morava o Ancião Que Cuida do Reino das Fadas. Encontraram-no sentado à janela da sala que se parecia desviar do mundo. Recebeu-os com alegria na sua sala de estrelas, enquanto lhes relatava histórias do Espaço. Quando eles lhe contaram a sua perigosa demanda, disse-lhes que seria um acto de caridade matar o Monstro de Gladsome; pois ele era claramente um dos que não gostavam dos seus modos airosos. Conduziu-os então à porta das traseiras, pois junto à porta da frente não se via qualquer caminho, nem mesmo um degrau, pois era daí que o velho homem costumava atirar o seu lixo para o Cruzeiro do Sul. Assim, entraram no horto onde ele cuidava dos seus repolhos, se bem como de certas flores, que só crescem no Reino das Fadas e viram as corolas para os cometas. Ele indicou-lhes então o caminho para o local, ao qual chamava «Debaixo», onde o Monstro de Gladsome tinha o seu covil. Puseram-se então a caminho. Ackronnion deveria descer os degraus, com a sua harpa e a sua taça de ágata, enquanto Arrath entraria através de uma falha num rochedo, pelo outro lado. Então, o Ancião Que Cuida do Reino das Fadas voltou para a sua casa ventosa, murmurando furiosamente, à medida que passava pelos seus repolhos, pois não gostava dos modos do Monstro de Gladsome. E os

dois amigos partiram por caminhos separados.

Ninguém os observava, para além de um corvo agourento já há muito saturado da carne dos homens.

Um vento vindo das estrelas soprava gélido.

A princípio havia uma perigosa subida, e Ackronnion alcançou os lisos e largos degraus que o levaram do precipício à entrada do covil, e, naquele momento, ouviu, no cimo desses degraus, as gargalhadas contínuas do Monstro de Gladsome.

Naquele momento, temeu que a sua alegria pudesse ser insuperável, que não se entristecesse com o seu mais doloroso cantar. Não obstante, não retrocedeu, mas antes, subiu vagarosamente as escadarias e, pousando a taça de ágata num dos degraus, começou a entoar o canto conhecido como «Doloroso». Este falava de devastação, lamentando coisas que tinham ocorrido em cidades felizes desde o início do mundo. Falava de como há muito tempo os deuses, os animais e os homens tinham amado os seus belos companheiros, e de como, também há já muito tempo, tudo era em vão. Mencionava o anfitrião dourado das ledas esperanças, mas não as suas conquistas. Falava de como o Amor desprezava a Morte, mas também da risada da Morte. As gargalhadas felizes do Monstro de Gladsome cessaram. Este levantou-se e sacudiu-se. Ainda estava infeliz. Ackronnion ainda entoava o cântico conhecido como «Doloroso». O Monstro de Gladsome dirigiu-se então a ele, pesarosamente. Ackronnion não parou devido ao pânico, mas ainda cantava. Versava acerca da malignidade do tempo. Duas grandes lágrimas formaram-se nos olhos do Monstro de Gladsome. Ackronnion empurrou com o pé a taça de ágata até um local conveniente. Cantava o Outono e a morte. O Monstro chorou, como choram as colinas durante o degelo, e as lágrimas caíram, uma após outra, no recipiente de ágata. Ackronnion continuava a cantar desesperadamente. Aludia às coisas boas que os homens vêem e não mais voltam a ver, à luz solar que se reflectia imperceptivelmente em rostos, agora envelhecidos. A taça já estava cheia. Ackronnion sentia-se desesperado: o Monstro encontrava-se demasiado próximo. Uma vez, apercebera-se de que a sua boca estava molhada (mas era apenas das lágrimas que tinham corrido pelos lábios desse Monstro). Sentiu-se como um pequeno pedaço de comida! O Monstro ia deixando de chorar!... Cantou acerca de mundos que tinham ofendido os deuses. E de repente, ouviu um estrondo! A lança forte de Arrath tinha sido arremessada. As lágrimas e os modos joviais do Monstro de Gladsome tinham acabado para todo o sempre.

Cautelosamente, transportaram o recipiente com lágrimas, deixando para trás o corpo do Monstro de Gladsome, provocando assim uma mudança nos hábitos alimentares do corvo agourento. Passaram pela casa

ventosa, com telhados de colmo, e despediram-se do Ancião Que Cuida do Reino das Fadas, o qual, ao ouvir o feito, esfregou as mãos de contente e murmurou uma e outra vez: — É uma ótima notícia. Os meus repolhos! Os meus repolhos!...

Pouco tempo depois, Ackronnion cantava novamente no palácio silvestre da Rainha dos Bosques, após ter bebido todas as lágrimas da sua taça de ágata. Era uma noite de gala, toda a corte estava presente, incluindo os embaixadores das terras da lenda e do mito, e até mesmo outros da *Terra Cognita*.

Ackronnion cantou como nunca antes cantara, e como nunca voltaria a cantar. Ah, mas dolorosos, bem dolorosos, são os caminhos do Homem; vagos e arrastados os seus dias, e o fim sempre difícil e vão, tal como o seu sacrifício; e as mulheres (quem as cantará?) têm um destino igual ao dos homens, escrito por deuses desatentos e descuidados, com os rostos voltados para outras esferas.

Começou mais ou menos desse modo, e então, a inspiração tomou conta dele e eu não conseguirei descrever toda a beleza do seu cantar. Havia nele muita alegria, misturada com o desgosto. Era semelhante aos caminhos do Homem. Era como o nosso destino.

Surgiram soluços ante o seu cantar, suspiros regressavam em eco: senescais e soldados soluçavam, e um claro choro se apoderava das donzelas. Como uma chuva, as lágrimas caíam de galeria em galeria. Em redor da Rainha dos Bosques levantou-se uma tempestade de choros pesados e de mágoa.

Mas não, ela não chorava.

O TESOURO DOS GIBBELINS

(Tradução de Susana Clara)

Os *Gibbelins* comem, como é do conhecimento geral, nada menos saboroso do que os humanos. A sua maléfica torre está ligada à *Terra Cognita*, às terras que nós conhecemos, por uma ponte. O seu tesouro é incalculável, tal é a sua ganância. Eles têm uma cave para as esmeraldas e outra para as safiras, além de terem enchido um buraco com ouro que desenterram quando necessitam dele. O único uso conhecido que é dado à sua extraordinária riqueza é atrair às suas despensas uma provisão, ininterrupta, de comida. Em tempos de escassez, é sabido que eles espalharam rubis pelas terras mais distantes, e que apenas basta um pequeno trilho dessas pedras preciosas, em direcção a qualquer cidade dos Homens, para que, de certeza, as suas despensas fiquem cheias novamente.

A torre deles fica na outra margem daquele rio, que Homero conhece — Ὁ πόος ἄχεαῖο, como ele lhe chama — e que dá a volta ao mundo. Foi no sítio onde o rio é mais estreito e mais fácil de atravessar que os avarentos antepassados dos *Gibbelins* construíram a torre, pois eles gostavam de ver os ladrões a remarem facilmente até à sua porta. As enormes árvores levavam até ali, com as suas raízes colossais que iam de uma margem à outra, algum alimento que não se encontrava no solo comum.

Foi nesse lugar que os *Gibbelins* viveram e se alimentaram ignomiosamente.

Alderic, Cavaleiro da Ordem da Cidade e da Investida, hereditário Guardião da Paz de Espírito do Rei, um homem recordado entre os fazedores de mitos, meditou durante tanto tempo no tesouro dos *Gibbelins*

que, entrementes, o julgou seu. Infelizmente, devo dizer que o motivo de tão perigosa aventura, levada a cabo pela calada da noite, foi absoluta ganância! No entanto, era com a ganância que os *Gibbelins* contavam, para manterem as suas despensas cheias, e de cem em cem anos enviavam espiões às cidades dos homens para verem como estava o grau da ganância, e todas as vezes os espiões regressaram à torre dizendo que tudo estava bem.

Poder-se-á pensar que, à medida que os anos passavam e os homens encontravam mortes terríveis nas muralhas da torre, seriam cada vez menos os que iriam parar à mesa dos *Gibbelins*: mas estes pensavam de outra forma.

Foi apenas durante a insensatez e frivolidade da sua juventude que Alderic foi até à torre, contudo, estudou durante muitos anos o modo como os ladrões encontram o seu fim, ao irem em busca de um tesouro que ele considerava seu. *Todos tinham entrado pela porta.*

Consultou todos aqueles que davam conselhos sobre aquele assunto; tomou notas de todos os detalhes e pagou de bom grado os honorários. Contudo, decidiu não fazer caso do que lhe tinham dito, pois que era feito agora dos clientes daqueles conselheiros? Não passavam de exemplos da arte da boa mesa, meras e difusas recordações de uma refeição, e muitos, talvez nem isso.

Estes eram os requisitos que, segundo aqueles homens, eram imprescindíveis para aquela diligência: um cavalo, um barco e pelo menos três homens armados. Alguns diziam: — Que toque a trombeta que está pendurada na porta da torre —; outros avisavam: — Não lhe toquem.

Então Alderic decidiu: não iria a cavalo até à margem do rio, não o atravessaria de barco, e iria sozinho através da Floresta Impenetrável.

Mas como iria ele passar, poderão vocês querer saber, através do impenetrável? Era este o seu plano: ele tinha conhecimento que nesse lugar vivia um dragão que, a fazer fé nas súplicas dos camponeses, merecia morrer. Não só por causa da quantidade de donzelas que ele trucidara, mas também porque era mau para as colheitas devido à devastação que provocava na terra. Ele era a maldição do ducado.

Alderic decidiu enfrentar o dragão. Montado no seu cavalo e munido de uma lança, procurou até que o encontrou. O dragão veio ao seu encontro, soltando pelo nariz um fumo acre. Alderic gritou-lhe: — Vil dragão, alguma vez defrontastes um verdadeiro Cavaleiro? — O dragão soube que isso nunca tinha acontecido, e silencioso, inclinou a cabeça, pois estava empanzinado de sangue.

— Então, — disse o Cavaleiro, — se vós não tornardes a provar o sangue de uma donzela, sereis a minha fiel montada, se não, através desta

lança testemunhareis tudo o que os trovadores cantam sobre o destino da vossa raça.

O dragão não abriu a sua boca voraz, nem se investiu contra o Cavaleiro, soltando fogo pelo nariz, pois sabia o destino dos que faziam esse tipo de coisas; mas concordou com os termos impostos, e jurou ao cavaleiro que seria a sua fiel montada.

Foi numa sela nas costas deste dragão que mais tarde Alderic voou por cima da Floresta Impenetrável, mesmo por cima daquelas árvores enormes, verdadeiras maravilhas da natureza. Mas primeiro amadureceu aquele seu subtil plano, o qual era mais audacioso do que apenas evitar tudo o que já tinha sido feito até ali. Contratou então um ferreiro e este fez-lhe uma picareta.

Entretanto havia um grande regozijo provocado pelo rumor da cruzada de Alderic, pois todos sabiam que ele era um homem cauteloso, e acharam que ele seria bem sucedido e que enriqueceria o mundo. Nas cidades, as pessoas esfregavam as mãos de contentamento com a simples ideia de receberem um quinhão daquele tesouro; a alegria reinava entre os concidadãos de Alderic, excepto talvez entre os agiotas, que receavam que o dinheiro que tinham emprestado lhes fosse devolvido em breve. Havia também regozijo porque os homens tinham esperança que quando os *Gibbelins* dessem conta de que o seu tesouro tinha sido roubado, destruíssem a sua grande ponte e partissem as correntes de ouro que os amarravam à Terra, e flutuassem, eles e a sua torre, de volta até à Lua, de onde eles tinham vindo e onde pertenciam por direito. Os *Gibbelins* não eram muito apreciados, embora todos os homens invejassem o seu tesouro.

Naquele dia em que Alderic montou no seu dragão, todos se alegraram, como se ele já fosse um vencedor, e o que os deixou mais contentes, mais do que o bem que eles esperavam que ele fizesse ao mundo, foi a promessa de espalhar todo o seu ouro enquanto cavalgava para longe, pois Alderic tinha dito que, quando encontrasse o tesouro dos *Gibbelins*, não iria precisar mais dele, e precisaria ainda menos se fosse parar à mesa dos mesmos.

Quando souberam que ele tinha rejeitado os conselhos daqueles que tinha consultado, alguns disseram que o Cavaleiro estava louco, outros disseram que ele era mais importante do que aqueles que davam conselhos, mas ninguém deu valor ao seu plano.

Alderic raciocinou do seguinte modo: durante séculos, os homens tinham sido bem aconselhados e tinham ido pelo caminho mais óbvio, entretanto, os *Gibbelins* tinham-se habituado a esperar que eles viessem de barco e a procurá-los à porta da torre, sempre que a sua despensa estava vazia; ou até mesmo a procurá-los quando eles andavam no pântano à procu-

ra de narcejas, o que muito intrigou Alderic, pois se as narcejas pousavam no cimo das árvores como é que os homens as encontrariam ali?

Seguramente nunca! Assim, Alderic decidiu atravessar o rio a nado e não entrar pela porta, mas escavar na pedra a sua entrada na torre. Para isso, estava determinado a trabalhar debaixo da água do oceano, o rio (como Homero lhe chamava) que cercava o mundo, de modo a que assim que fizesse um buraco na parede, a água comesse a entrar, confundindo os *Gibbelins* e inundando as caves, que, segundo rumores, tinham vinte pés de profundidade, e ele mergulharia para apanhar as esmeraldas tal como os mergulhadores fazem para apanhar pérolas.

E naquele dia de que vos falo, ele saiu a galope espalhando mãos-cheias de ouro, tal como eu tinha dito. Passou por muitos reinos; o dragão cobiçava as donzelas à medida que eles viajavam, mas não as conseguia comer por causa do freio que tinha na boca, e como amável recompensa, recebia marcas de esporas no sítio onde a sua carne era mais macia. E assim chegaram ao brumoso limite do arvoredado da Floresta Impenetrável. O dragão levantou voo com um bater de asas. Many, um agricultor que vivia perto do fim do mundo, viu-o cruzar o céu, lá em cima onde ainda havia uma réstia de crepúsculo, um difuso contorno negro em movimento; e tomou-o por um bando de gansos que se dirigiam a terra vindos do oceano. Entrou em casa a esfregar as mãos alegremente e disse que o Inverno vinha aí e que em breve iria nevar. Em pouco tempo, até nesse local, o crepúsculo desaparecera, e quando eles pousaram na orla do mundo, era de noite e a Lua brilhava. O Oceano, o rio antigo que naquele ponto era estreito e pouco profundo, corria sem fazer barulho. Quer os *Gibbelins* se estivessem a banquetear quer estivessem de vigia à porta, também não faziam barulho. Então Alderic desmontou do dragão e tirou a sua armadura, depois de ter rezado uma oração à sua dama, e lançou-se ao rio, levando consigo a sua picareta. Ele não se separava da sua espada, com medo de encontrar um *Gibbelin*. Assim que chegou à outra margem, começou a trabalhar imediatamente, e tudo correu às mil maravilhas. Coisa alguma espreitou pela janela, e como todas as luzes estavam acesas, não havia perigo de o verem lá de dentro pois cá fora estava escuro. Os golpes da sua picareta eram desferidos na parte mais baixa das paredes. Trabalhou durante toda a noite, não houve nada que o perturbasse. Ao amanhecer, a última pedra cedeu e caiu para dentro da torre, e o rio brotou de seguida, enchendo as caves. Então Alderic pegou numa pedra, dirigiu-se ao último degrau e atirou a pedra de encontro à porta. Ouviu os ecos de agitação dentro da torre, então, fugiu e mergulhou através do buraco na parede.

Estava já na cave das esmeraldas. Não havia luz na grande abóbada por cima dele, mas mergulhando através de vinte pés de água, sentiu o chão

duro todo coberto de esmeraldas, além dos cofres abertos que também estavam carregados dessas pedras preciosas. Com a ajuda de um débil raio de luar, viu que devido à quantidade de esmeraldas que havia naquela cave, a água tinha uma tonalidade verde. Tendo enchido rapidamente uma sacola, voltou à superfície, e lá estavam os *Gibbelins*, com água pela cintura, e com archotes nas mãos! E sem dizerem uma palavra, *ou mesmo esboçarem um sorriso*, penduraram-no, com facilidade, na parede exterior da torre. Este é um daqueles contos que não tem um final feliz.